Pola:fer:e
pola:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1039

A EXECUÇÃO DOS DEMAGOGOS

A vitória conservadora foi retumbante por todo o país. Fieis aos seus compromissos, os monarquicos que poderiam conquistar as maiorias sem dificuldade, contribuem apenas para as eleger com caracter governamental. Limitam-se a disputar as minorias aos socialistas que, abandonados á ultima hora pelos quadrilheiros da Demagogia, sofrem uma derrota formidavel, mostrando bem a sua fraqueza partidaria.

Quanto aos catolicos, temos a impressão de que, tirando os circulos onde não eram combatidos, só lograram vencer nas pessoas dos deputados governamentaes a quem auxiliaram com os proprios votos.

O partido monarquico deu mais uma grande prova de abnegação e de força.

Viva a Causa da Ordem! Viva a Patria

A lição dos factos

E' inegavel que as eleições de Lisboa não foram tão concorridas como seria lícito esperar. Tres motivos de varia ordem favore ceram a tactica abstencionista dos partidos republicanos: o primeiro contem-se no facto de ser Lisboa uma cidade-capital onde o analfabetismo não representa, como, no resto do país, uma grande força em população a instituição do sufragio universal em pouco ou nada aumentou o numero dos inscritos nos recenseamentos eleitoraes. O segundo motivo, aparentemente minimo mas de facto importantissimo, consiste em ter demorado longas horas a constituição das mezas de muitas assembleias, pela falta de comparencia dos cidadãos nomeados para esse efeito, o que levou grande numero de eleitores a retirarem-se, por não poderem ou não quererem aguardar a hora incerta da chamada. O terceiro motivo, de ordem mais geral, é a cobardia incuravel dos nossos correligionarios, especialmente d'aqueles que teem maior obrigação de intervir na vida politica, pelo seu nome, pela sua categoria e pela sua fortuna; Dante, marcou-lhes no inferno um tumulo de ignominia, com esta bela inscripção:

Questi sciaurati, che mai non fur viei
... l'anime tristi di coloro
che visser senza infamia e senza lodo...

.. almas sem côr que viveram sem opróbio e sem gloria!

Não temos ainda informações da provincia que nos mostrem até que ponto o país levou o seu maior interesse por estas eleições; cremos que a votação dos anos anos anteriores ha de ter sido consideravelmente excedida, podendo concluir-se que durante o primeiro setenio da republica velha a grande maioria do país viveu sob o jugo da mais injusta e detestada tirania, guardando intacta no intimo recesso da sua consciencia uma fé religiosa e politica cuja profissão a democracia triunfante não deixava que fosse feita á boca das urnas.

Mas a par da minoria que se absteve e a par da maioria que ontem se pronunciou, nós constatamos a existencia dum maior numero que o acto eleitoral positivamente não consegue interessar. Este maior numero é sempre crescente. Aumenta numa progressão geometrica em relação á progressão aritmetica do aumento do sufragio. Que quer isto dizer? Que conclusão deve tirar-se deste facto?

Sem duvida, a conclusão que deve tirar-se deste facto não aproveita aos partidos politicos da monarquia ou da republica. Sómente nos aproveita a nós, integralistas, adversarios do sufragio individual e directo.

O desinteresse sempre maior com que as populações encaram o acto eleitoral demonstra que elas comprehendem a sua origem e a sua finalidade mentirosa á medida que se apercebem do seu verdadeiro significado. Maurice Maeterlink nas belas paginas do *Double Jardin* diz-nos que é forçoso conformarmo-nos com a ideia do sufragio universal, não porque ele represente uma verdade ou uma necessidade politica, mas porque constitue o supremo culto mitologico da edade contemporanea: é a obcessão ideologica do povo; temos de acolher a fatalidade do seu imperio porque a multidão não presende dessa experiencia.

Os factos e os numeros provam o erro de Maeterlink. A miragem do sufragio universal começa a não produzir mais a mentalidade do povo; ele prescinde de ver aperfeiçoada e completada uma tentativa que só tem produzido como resultados apreciaveis—o rebaixamento progressivo da moral social e enfraquecimento da eugenia individual pelo exercicio de funcções alheias ás aptidões e á conformação organica de cada um, e a absorção efectiva das liberdades necessarias á produção da riqueza e da paz comum pela violencia com que os parasitas da politica, forças virgens de qualquer outro esforço, exercitam em seu beneficio os beneficios da Liberdade.

Não quer isto dizer que a multidão popular tivesse adquirido ou venha a adquirir muito cedo a consciencia das verdades politicas que nós defendemos. Não nos parece tambem que ao mitho do sufragio universal, de que fala Maeterlinck, se haja substituido o mito da greve geral, de que fala Sorel. O que nos parece é que as sociedades humanas sentem agora um forte desejo de reposo espiritual, depois da alucinação em que viveram durante os ultimos dois seculos. A intensidade da vida ideativa dá logar a uma intensidade de vida real que lhes acalma os nervos e lhe sofreia o *élan* das ilusões. Não teem a unidade dum ideal; mas sentem a multiplicidade das realidades quotidianas. E assim, as multidões que dantes se uniam para derruir a Bastilha e os tronos, dividem-se agora em pequenos grupos constituidos, não pela solidariedade dos mesmos ideaes, mas pela solidariedade dos mesmos interesses absorventes.

Assim se reconstituem as classes, da federação das quaes resulta a Nação tal como outrora resultou da federação das familias. A Patria deixa de ser multilão para ser organisação. O individuo limita-se ao exercicio competente do seu mister, é a defeza economica do seu interesse profissional: Não se julga arbitro do governo politico do país; julga-se, mais conscienciosamente, o orgão director e productor da riqueza publica, cuja lei dita sem necessidade de intermediarios que, tão depressa eleitos, logo o esquecem e atraiçoam.

Os homens começam a vêr que lhes é preferivel defenderem uma *certeza* a conquistarem um *ideal*. E aqueles a quem não bastam as certezas do mundo, abrigam-se no mundo de certezas misticas que a Religião lhes oferece e de que a sua fé lhes dá o mais seguro e inviolavel testemunho. Assim, os homens que mascem na *familia*, trabalham na sua *classe*, vivem na sua *Patria*. Depois, ador mecem em *Deus*.

Familia, classe, Patria, Deus, são todo o universo das almas perfeitas. N'elas existe a Autoridade e a Ordem. Mas essa autoridade e essa Ordem não derivam do artefício d'um sufragio ou d'uma escolha; são as belas realidades d'uma Natureza cuja integra perfeição os homens tentaram baldadamente destruir.

João do Amaral.

Um inquerito á mendicidade

Com o intuito de atacar a fundo a resolução do problema da mendicidade, o sr. Presidente da Republica apresentou ontem ao governo um projecto de decreto mandando proceder a um largo inquerito no continente e ilhas adjacentes, que deverá ser realisado no mais curto prazo, para se fazer o recenseamento de todos os indigentes [illegible] das causas da indigencia, a especie de trabalho em que poderão ser empregados, quando capazes, e a natureza da sua incapacidade em caso contrario.

Estradas

A camara municipal do concelho de Bilão solicitou do governo que o segundo lanço de estrada de serviço de Ancede (distrital n.º 81), a partir do Arco do Lordelo, seja estudado e construido em direcção ao novo apeadeiro de Portuzelo, na linha ferrea do Douro.

—Foram concedidos 700$00 para ocorrer á reparticão de que carece o troço de estrada da Campinheira a Alcantça e seu ramal, Lisboa.

—A direcção de obras publicas do distrito de Santarem pediu autorização para proceder a trabalho por administração nos troços de estrada de Alcanede ao Salgueiro e das Terras Pretas a Terras Novas.

Eleição de Lisboa

Candidatos monarquicos eleitos

Circulo oriental

Artur Virginio de Brito Carvalho da Silva
Manuel Maria de Lencastre Ferrão Castelo Branco (conde de Arrochela)

Circulo ocidental

Dr. Antonio de Sousa Horta Sarmento Osorio
Dr. Fernando Cortez Pizarro de S. e Melo
Senador pela Extremadura
Padre João Rodrigues Ribeiro

As eleições na Provincia

Os monarquicos ganham quasi todas as minorias, sendo importantissima a Victoria dos conservadores do Porto

Sabe-se terem sido eleitos pela provincia os candidatos monarquicos: **Dr. Antonio Sardinha**, por Elvas; dr. Lobo de Avila Lima, por Chaves; D. Luiz de Castro (Conde de Nova Goa) por Santarem; dr. Costa Lobo, por Bragança; Conselheiro José de Azevedo, por Villa Real; drs. Francisco Fernandes e José Julio Vieira Ramos, pelo Porto; dr. João Moreira de Almeida, por Lamego; dr. Anibal Soares, por Castelo Branco.

Nota politica

O aspecto mais interessante da eleição de Lisboa, não foi a enorme votação dos candidados monarquicos, que por vezes bateram os proprios deputados governamentaes, nem foi a traiçoeira judaica dos nossos catolicos, preferindo votar em republicanos ateus a patrocinarem a lista das juventudes. O aspecto mais curioso e imprevisto das eleições na capital foi, sem duvida, a formidavel derrota do chamado partido socialista. Entre os varios logros politicos, em que é tão fertil este regimen constitucional de partidos e grupelhos, o socialismo português tem sido um dos mais consideraveis e irritantes. Essa ratona agremiação de burguezes onde a epiderme africana do camarada João de Castro e a calvice polar do camarada Costa Junior formam um contraste patusquissimo, chegando a parecer mais impossivel que, mesmo em politica, eles sejam de egual côr, essa ratona agremiação de burguezes mostrou hontem o que valia junto do operariado nacional.

Nos dois circulos de Lisboa, onde ha milhares de operarios, todos eleitores pela nova lei que ampliou o sufragio, alcançaram apenas esta infima ridicularia de 1320 votos.

A U. O. N. que tende a ser a nossa Confederação Geral do Trabalho e cuja organisação todos pudémos apreciar na ultima greve geral, absteve-se de mandar votar com essa gente. Sindicalistas convictos, esperando tudo da força associativa e nada desejando obter por intermedio do Estado, claro está que nunca poderia apoiar nas urnas um partido essencialmente politico, servindo-se das armas politicas para alcançar o poder, e querendo alcançar o poder para servir politicamente os seus associados.

Os operarios que votassem nas listas brancos-negras do Socialismo capitalengo, prestar-se-hiam apenas a servir de degrau a burguezes mais ou menos disfarçados, que teriam optimas qualidades como pessoas, mas são pouco menos de analfabetos no que respeita a sciencia social.

A votação que alcançaram ontem em Lisboa representa na verdade a sua propria força politica. Tinham os democraticos, ao que parece, resolvido apoia-los, fazendo incidir todos os seus votos sobre os dois nomes que apresentassem ao sufragio popular. Mas, quando os souberam em conluios com o governo e com os catolicos para comerem a dois carrinhos, abstiveram-se indignadamente, deixando-os a pernear, sósinhos e desesperados, ante milhares de votos conservadores. No Porto o deputado monarquico independente tambem prejudicou e bateu o candidato socialista, apesar dos muitos milhares de operarios que ha nas fabricas do respectivo circulo.

Para quando a Resolução Social, camaradinhas, para quando ?

C. de M.

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Saidos de Armentieres, e tendo dado a estocada a fundo sobre Bailleul os alemaes, encontrando-se em flecha na direcção de Hazebruck, viam-se na realidade com os seus flancos muito ameaçados. A' direita os montes de Flandres (Keuunel, Rongle, Vidaine e Noir) solidamente fortificados—verdadeiros ninhos de metralhadoras, segundo os comunicados—e servindo de eficazes pontos de apoio para futuras e oportunas contra-ofensivas. A' esquerda Giunceby, Loeon, Festubert e la Bassée, cobrindo por assim dizer Béthune donde a seu tempo, tambem a ofensiva franceza poderia (e poderá) ser lançada sobre as linhas de retaguarda do atacante.

Nestas circunstancias impunha-se um imediato alargamento de frente e a posse desses pontos de apoio citados. E' d'ai as recentes investidas coroadas de exito contra o Monte Keunnel e contra Gloenchy, que até agora tem resistido.

A posse do Monte Kunnel é na realidade importante não só pela sua relativa altitude—156m para uma região costeira e baixa—mas tambem pela ameaça eminente para os aliados de verem torneada a linha do Ysér.

Se esta circunstancia se dar, não sabemos muito bem como os aliados se poderão aguentar em Dix mude e para onde poderá retirar o exercito belga, que desta cidade se estende até ao mar...

A lucta que se está travando em Flandres deve pois ser na realidade uma coisa assombrosa e desesperada, onde cada um dos contendores deve jogar as ultimas. Dum lado é a honra empenhada de ir por deante; do outro o proprio instincto de conservação que ha de colar os *bleu-horizon* e os *tommies* ao solo. Talvez naquela estreita faixa de terra que vai de Nieuport a Dixmude, a Poperinghe, a Furnes e a Dunkerque se esteja a jogar o destino, pelo menos, duma nação—a Inglaterra.

E' certo que o «Times» grita bem alto que mesmo, na peor das hipoteses do inimigo se assenhorear de toda a costa continental de Manchi, nada estaria perdido, pois á Grã-Bretanha ainda lhe restaria, alem dos seus aliados continentaes, o seu Explendido Isolamento e a soberania dos mares.

D'acordo, quanto aos aliados continentaes mas já o mesmo se não poderá dizer pelo que respeita ao isolamento e á soberania dos mares, que ambas ficariam bastante cumprometidas, quando o adversario houvesse alcançado a meta dos seus desejos. Podem-se ter fortissimos *dreadnoughts*, numerosos *destroyers*, almirantes gloriosos como Jellicoe e Beaty e denodados marinheiros como aqueles que outro dia foram a Zeebrugge num audaz golpe de mão. Mas... o inimigo submarino e implacavel e ainda ha pouco, na propria Inglaterra houve quem lhe mostrasse os terriveis efeitos sobre a tonelagem nacional.

E o proprio golpe sobre Zoebrugge foi uma prova evidente de que se tentou ameaçar o porventura destruir a unica base naval alemã sobre a Mancha—certamente pelo que ela tem de perigosa para a segurança interna do *Kingdom*. A não ser que se tratasse dum simples golpe de efeito destinado a afervorar o entusiasmo britanico, o que não é crivel, porquanto a psicologia do inglês se avigora pelo contrario sempre, por via de regra, muito mais na adversidade.

Mas voltando ao que dizíamos quanto á ofensiva da Flandres, deve por lá batalhar-se rija e doidamente. E o dispendio de homens deve ser pasmoso.

Maior certamente nos alemães, porque são eles quem atacam e a ofensiva exige sempre uma maior contribuição de material humano sacrificado. E' o que acentua com notavel criterio o tenente-coronel Rousset no «Petit-Parisien»: «A ultima palavra será, nesta lucta de colossos, daquele que melhor houver sabido poupar as suas reservas».

Ora elas devem fatalmente gastar-se mais no atacante que no defensor.

E' certo, mas já no «Matin» diz o Comandante de Civrieux que «o assaltante

VIDA ECONOMICA

Vida Economica Portuguêsa

Cacau.—Nós possuimos um vastissimo imperio colonial, tão vasto que ocupa o quarto logar entre os imperios coloniaes de todo o mundo.

A vantagem da posse das nossas colonias não reside apenas na importancia politica que de tal posse deriva para a metropole.

As nossas colonias possuem condições economicas dum subido valor e, quando convenientemente exploradas, elas só bastariam para fornecer á Mãe-Patria uma vida desafogada e progressiva.

Desde os mimos tropicaes (côco, bananas, ananaz, etc.), que já hoje são abundantemente vendidos nos nossos mercados, passando pelos productos do subsolo (mineraes como o carvão, ferro, ouro, diamantes, petroleo, etc.), até aos productos agricolas (madeiras esplendidas, cereaes café, cacau, etc.), as nossas colonias possuem de tudo, o que não é para admirar, sabendo-se que elas se encontram em todas as latitudes.

Não se podem já hoje discutir a sério as velhas teorias que viam nas colonias simples causas de ruina para a metropole (orientação da opinião franceza até fins do sec. XIX), nem tampouco convém esperar das colonias o remedio infalivel para a cura de todas as enfermidades que vicíam o viver de todos os países. O que, porem, é absolutamente certo e provado é que as colonias quando bem exploradas, quando bem administradas sob um regimen adequado e que não tem nenhuma necessidade de ser uniforme para todas elas, dão á Mãe-Patria a plena compensação, com larga margem de lucros, dos dispendios feitos.

Uma industria que tinha obrigação restrita de se encontrar florescente em Portugal é a dos chocolates. A Ilha de S. Tomé produz a melhor qualidade de cacau e em quantidades fabulosas, encontra-se bastante mais perto da metropole do que de qualquer dos paizes onde se exploram as industrias conexas com o cacau. A Holanda importava antes da guerra multissimo cacau de S. Tomé para as suas industrias. A Alemanha, a Inglaterra. a Suiça, a propria França, importavam o nosso cacau. E nós consumimos depois (e ainda hoje consumimos) os chocolates francezes e Suiços, o cacau fino de Amsterdam, pagos a rios de dinheiro. Chega a parecer perodoxal que um paiz exporte por baixos preços um produto que depois de preparado importa de novo pagando grossos lucros aos estrangeiros.

Poucas fabricas existem em Portugal que explorem a industria do chocolate e as que ha (em Lisboa) produzem artigos muito inferiores aos estrangeiros de modo que no mercado continua sempre a vender-se o chocolate estrangeiro, os bonbons francêses, que são melhores que os nossos mas que custam muito mais.

Agora que nos encontramos em guerra, com a exportação do nosso cacau muito reduzida, era uma bela ocasião para montar a valer, em larga escala, fabricas chocolateiras que preparassem com o cacau nacional, hoje amontoado em S. Tomé, os produtos dele derivados.

A. Campos Figueira.